

PEDAGOGIA E IMAGINÁRIO

M. Ivoneti Busnardo Ramadan
Doutora em Educação/ Professora Titular
de Língua Portuguesa- Faculdade Cásper Libero

A data de 28 de abril, Dia Nacional da Educação, coincidiu neste ano com a publicação do relatório da Unesco sobre as condições da educação brasileira. Quem leu os jornais nestes últimos dias viu que não temos quase nada para comemorar. As manchetes dos jornais, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, que noticiaram o assunto, se resumiram a: “Um triste retrato da educação”, “A agonia silenciosa da educação”. “Metade dos docentes já foi xingada por aluno”, esta uma manchete da *Folha* do dia 1º de maio, portanto, recentíssima. Os resultados não poderiam ser piores: a taxa de repetência no ensino primário é de 21%, equivalente à dos países mais pobres do mundo. Há escolas no Brasil sem banheiros, sem luz elétrica. Situação pior que a do Haiti, um país que sofre uma terrível guerra civil.

O que temos é um país que diante do quesito educação é objeto de lástima e de desonra para todos: governantes, teóricos, dirigentes e profissionais que desejam um futuro mais promissor para todos. Diante disso, desse quadro desolador, nós nos perguntamos qual tem sido o papel das cartilhas pedagógicas que tentam direcionar o ensino? Nunca, como agora, as escolas tiveram a oportunidade de optar por determinada linha pedagógica: pedagogia Waldorf, montessoriana, construtivista. As escolas particulares podem se dar ao luxo de escolher a corrente pedagógica mais apropriada aos seus objetivos.

Quando se trata do ensino público, sabemos que os partidos, os que disputam cargos eletivos se apropriam das idéias dos pedagogos, não para colocá-las a serviço da qualidade do ensino, mas para transformá-las em bandeiras de propaganda eleitoral. O que traz como consequência um verdadeiro desvirtuamento de programas, de propósitos e até do que está contido na etimologia da palavra pedagogo: “pediós”, criança e “agogôs”, conduzir. O pedagogo é o que conduz a criança, e, por extensão, o jovem.

Trata-se de uma atividade que conta com a pre-

sença de dois agentes, o que ensina e o que aprende, é um processo de relação interpessoal que envolve o interesse, a vontade dos dois agentes. Quando um deles não está disposto a colaborar, todo o processo cai por terra porque o que está no cerne de qualquer prática pedagógica é um processo de transformação: o professor conduz alguém de uma situação menos qualitativa para outra mais qualitativa. E a aprendizagem se dá quando aquele que aprende é capaz de se sentir transformado, de se sentir como um novo ser humano.

Não importa qual seja a pedagogia adotada, o papel do professor é o de provocar no aluno as mudanças, os avanços que não ocorreriam espontaneamente, se ele não estivesse exposto a uma situação de aprendizagem.

Dessa forma, a escola funciona como uma agência social explícita encarregada de transmitir sistemas de organização de conhecimento e modos de crescimento intelectual às crianças e jovens. Tem, portanto, um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos que vivem numa sociedade letrada, como a nossa.

Para que isso aconteça é de fundamental importância a atuação de todos os membros do grupo social envolvidos nesse processo. Trata-se de um pacto coletivo do qual ninguém pode fugir para que ele funcione: os profissionais, os aprendizes, e, por que não dizer, os pais, a família, que também têm um papel importante a cumprir no desenvolvimento intelectual e científico de seus filhos.

O pedagogo tem uma missão grandiosa que é a construção de seres humanos aperfeiçoados. Acho que hoje em dia concretizar essa tarefa, é um investimento dos mais difíceis. Sem menosprezar a capacidade de ninguém, sem querer desqualificar os programas de nenhuma instituição escolar, hoje, a boa intenção de qualquer um que queira se comportar como um verdadeiro pedagogo está comprometida



pelas condições sociais da educação e pela interferência de agentes estranhos à aprendizagem, desde o engessamento dos currículos até as condições concretas de sala de aula.

Em vista disso, pergunto qual o imaginário que sustenta hoje em dia os programas pedagógicos e as práticas de ensino/aprendizagem?

Em primeiro lugar o que é imaginário? Vamos decompor a palavra: O sufixo *ário* aqui significa lugar continente: imaginário é um lugar que contém imagens. Mas vamos descartar de antemão a idéia de que imaginário seja um depósito de imagens, sem função nenhuma, e, pior ainda, um depósito de fantasias sem lógica. O imaginário é um modo de agir do ser humano produzindo imagens. É o imaginário que nos permite desatar nossa imaginação e produzir imagens com as quais equilibramos o que está dentro de nós com o que está fora de nós. A palavra imaginação provoca grandes equívocos e muitas suspeitas. Ela muitas vezes é confundida com fantasia, devaneios, alucinação e muitas vezes tem um enfoque preconceituoso. A imaginação tem a função de formar, produzir imagens para alimentar nosso psiquismo. O ser humano é um produtor natural de imagens e de símbolos e elas são uma espécie de nutriente para nossa alma. E o imaginário é um maravilhoso recurso para nossa sobrevivência que nos permite entender as relações humanas de uma maneira mais complexa. A vida humana é impulsionada pelo imaginário.

As questões que nos afligem, as explicações que procuramos dar para nós mesmos, as soluções que procuramos dar para as coisas, as estratégias que formulamos para viver o cotidiano, a maneira como nos relacionamos com os objetos, e com a realidade, tudo isso está fundado num conjunto de imagens fabricadas por nosso imaginário. À medida que vamos interagindo com o mundo, vamos também fabricando imagens com que fundamentamos nossa subjetividade. Nisso entra ao mesmo tempo a vida com sua dura concretude, mas algo mais que isso, alguma coisa que ultrapasse essa solidez. Há sempre um vai-e-vem entre nós, nossa subjetividade e o mundo objetivo, real, palpável. É nesse vai-e-vem que nascem as imagens. Então, as imagens são produto de nosso imaginário.

Há uma pesquisa feita recentemente na Inglaterra que comprova que os bebês organizam imagens

desde cedo, a pesquisa revela que a capacidade do ser humano de organizar imagens aparece mais cedo do que se imaginava.

Elas não são gratuitas, elas constituem, como diz o antropólogo francês Gilbert Durand “o capital pensado e o capital inconsciente do “Homo sapiens”. Elas não são gratuitas, pelo contrário, elas têm um sentido e esse sentido faz a diferença em nossas vidas.

É o imaginário que nos possibilita pautar nosso comportamento pelo dos outros, de criar expectativas em relação às pessoas com as quais interagimos. É ele também que nos possibilita viver na pele de uma personagem, experimentando emoções e sensações novas, como se nós nos desdobrássemos em múltiplos seres. É como se nós vivêssemos um movimento mágico que permite termos consciência de nós mesmos e dos outros, que nos permite realizar desdobramentos intrapsíquicos, isto é, sermos capazes de nos colocarmos no lugar do outro e experimentar sempre novas sensações.

Se há um momento em que o imaginário exerce sua função de maneira exemplar é o momento da leitura. Quando lemos e a leitura nos seduz, nos é prazerosa, somos transportados para um outro mundo que só nós conhecemos, um mundo onde realizamos nossos desejos. Nossos sonhos ganham uma dimensão quase que real e é esse o poder que a palavra escrita tem. O sucesso de muitos livros, como *O Código da Vinci*, por exemplo, e dos muitos escritores, como Paulo Coelho, se deve ao poder que a palavra escrita tem de atingir o imaginário do leitor. Não se trata de uma estratégia de *marketing*. O *marketing* tem a ver com o livro e não com a leitura. São dois produtos diferentes. No momento da leitura há apenas duas entidades: o texto escrito e o leitor e não há *marketing* que resista a esse encontro mágico do leitor com as palavras.

Dessa forma é o imaginário que nos permite viver a ilusão oferecida pela arte, pela música, pela literatura, pelo cinema e viver esses momentos de emoção como uma experiência verdadeira.

Queria comentar aqui dois filmes que podem ilustrar tudo o que eu disse sobre o imaginário. O primeiro é o filme “Chocolate.” Este filme conta a história de uma forasteira que chega com sua filha a um conservador vilarejo no interior da França e lá ela tem a ousadia de abrir uma loja de chocolates, bem ao lado da

igreja, em plena quaresma. Com um ar de feiticeira, ela encanta alguns moradores com suas receitas exóticas. Ela indicava o tipo de chocolate de acordo com a personalidade e o temperamento de cada pessoa. Assim que elas comiam o chocolate, começavam a tomar atitudes e decisões que queriam tomar há muito tempo, mas que não tinham coragem de pôr em prática. O chocolate não é apenas um alimento, mas uma metáfora utilizada pelo cineasta para discutir moralidade, amor, tolerância e repressão. Mas, mais, que isso foi o instrumento que despertou o imaginário das personagens que no filme era uma espécie de energia, de potência interior que fez com que elas concretizassem um desejo latente e assumissem seu verdadeiro eu.

Outro filme que vale a pena comentar é o “King Kong”. O que esse filme acende em nosso imaginário? Por que será que a indústria cinematográfica americana investiria milhões de dólares? É a terceira vez que o filme é encenado. Além da versão mais recente, há a primeira versão de 1933, e a segunda, da década de 70. O gorila é um antropóide, um ancestral do homem. Por conta da relação do gorila com a moça loira, podemos até dizer que ele representa um certo erotismo, um apelo à sexualidade reprimida, incontrolável, qualquer coisa nesse sentido, menos amor. Seria inconcebível um amor entre uma criatura de 15 metros de altura e uma loira humana. Acontece que ele é eliminado para que a loira seja salva, e aí fica clara, a meu ver, a intenção de mostrar que o monstro precisava ser eliminado para que a moça humana loira, bonita, civilizada fosse salva. Mas também fica subentendida a truculência dos tidos e havidos como civilizados. Abaixo da fina camada de cultura e de civilização que levamos milhões de anos para adquirir ainda existe uma truculência, uma selvageria. Acho que o filme ainda é reencenado porque desperta em nosso imaginário algo que está gravado em nosso inconsciente, o nosso lado selvagem, violento e destruidor.

O expectador, por sua vez, tira partido de toda a produção cinematográfica, assim como de qualquer produção artística que tenha o poder de convocar nosso imaginário. O dinamismo das imagens mentais tem a propriedade de nos fazer lidar com nossas emoções e de provocar nossa subjetividade.

Mas isso não acontece apenas quando estamos expostos a manifestações artísticas. Somos re-

gidos pelo imaginário nas atividades do dia-a-dia e no desempenho de nossas funções profissionais. Poderíamos até dizer que o imaginário é a matriz dos sistemas filosóficos, lógicos e conceituais e por isso está no cerne dos sistemas pedagógicos.

No que diz respeito à pedagogia e às funções do professor, valeria a pena lembrar aqui a figura de dois educadores: Paulo Freire e Anísio Teixeira, considerados os dois maiores educadores brasileiros.

Paulo Freire, como todo mundo sabe, é pernambucano, nascido no Recife e criador do Método de Alfabetização Paulo Freire. Na área da educação popular ele tem sido um dos autores mais lidos do mundo. Seu discurso pedagógico é dotado de grande carga afetiva, razão pela qual ele conseguiu mobilizar um grande número de pessoas. Paulo Freire era criticado por ter adotado uma linguagem afetiva e pouco acadêmica. Mas ele mesmo dizia que esse tipo de linguagem não diminuía o compromisso que ele tinha com a denúncia dos problemas sociais. Analisando as idéias de Paulo Freire, pode-se dizer que o sonho e a utopia têm um importante lugar na educação: a educação como prática utópica. Essa concepção de educação tenta superar a situação social, romper com a ordem existente e trabalhar para a transformação social, exercendo, portanto, uma função de subversão social. Por isso, da idéia de transformação ele passou para a de revolução. A prática pedagógica de Paulo Freire tornou-se, então, uma práxis revolucionária. Os textos de Paulo Freire estão impregnados de imagens de ação e de movimento e pela repetição obsessiva de expressões como ação, busca, luta, movimento, transformação. O seu discurso expressa um imaginário de luta e de combate, que objetiva sempre a liberdade do ser humano, ou seja, sua humanização. Podemos dizer que a utopia da libertação pela educação é revolucionária e messiânica, pois a função do educador é desenvolver uma consciência crítica que permita ao homem transformar a realidade. Ele mesmo diz que a “educação é uma busca e o homem é um ser na busca constante de ser mais”.

Anísio Teixeira era baiano e foi o maior defensor do pensamento escolanovista, que pregava um tipo de pedagogia pragmática, influenciada pelo liberalismo e pelo pragmatismo da filosofia de John Dewey, de quem foi aluno e divulgador no Brasil. Ele foi secretário



de Educação do governo da Bahia e implantou a escola-parque, o que inspirou seu discípulo Darcy Ribeiro a criar a escola de tempo integral. Foi publicado um artigo na *Folha de São Paulo* de 04/04 deste ano afirmando que Anísio Teixeira foi o maior educador que o Brasil já teve. Mas o que está no cerne das idéias de Anísio Teixeira?

A influência liberal no seu pensamento é grande, ela está contida nas concepções de homem, de sociedade e de educação. Ele considerava a educação algo complexo e entendia que o homem deveria assumir a plena responsabilidade de seus atos e de suas experiências. Para ele o homem educado deveria pensar com clareza, com firmeza, e ele acreditava também na perfeição e na capacidade de regeneração do homem. Como ele difundia a idéia de uma escola nova, era preciso criar um homem novo com ideais renovadores e progressistas.

Seus textos refletem de maneira intensa a excessiva racionalização que marca a modernidade: atribuíam o progresso à aplicação da ciência à civilização humana. A escola para ele era uma instituição destinada a contribuir para a manutenção da ordem e do equilíbrio social. A escola de Anísio Teixeira era uma escola progressiva, entendida como uma escola de uma civilização em mudança constante. Como os de Paulo Freire, estão repletos de imagens de ação e de movimento também pela repetição exaustiva de expressões como ação, luta, busca, movimento, transformação. Embora em Paulo Freire possamos encontrar um ideário marxista, e em Anísio Teixeira, um pensamento liberal, tanto um como outro ancoram na mesma matriz do imaginário. O discurso de ambos caracteriza-se por ser eminentemente político-ideológico, produzido com a intenção de mobilizar os educadores em torno de idéias de mobilização, doutrinação e agregação. Os dois partilham do mesmo sonho das luzes e do progresso, cristalizado na figura de Prometeu, que na modernidade simboliza o homem como produtor de si mesmo, um homem benfeitor da humanidade, filantropo, altruísta, altivo, corajoso, generoso, desobediente e revolucionário. Tanto um como outro pregam um ideal pedagógico utópico, só que a utopia de Anísio Teixeira era individualista – é a transformação individual que leva ao progresso social – e a de Paulo Freire era uma utopia coletiva porque ele so-

nhava com as transformações das estruturas sociais, era um socialismo utópico. Enquanto o discurso de Paulo Freire tem um caráter utópico, contestatório, humanista e inovador, o de Anísio Teixeira é funcional, pragmático, humanista e ideológico.

Eu perguntava há pouco qual o imaginário que sustenta hoje em dia nossos programas pedagógicos. Embora não tenha feito nenhuma pesquisa nesse sentido, a experiência de sala de aula e o convívio com os alunos sinalizam algumas tendências.

Retomando, então, os agentes do processo ensino/aprendizagem e considerando a relação professor/aluno, hoje em dia, nem sempre tranqüila e amistosa, penso ver aí um imaginário mais voltado para o desconforto emocional, para a instabilidade, para o desencontro, o que gera muita angústia. Se tivesse que fazer uma leitura mítica da relação professor/aluno, vejo aí as ressonâncias do mito de Quíron, o modelo do grande médico e mestre e o mais sábio dos centauros. Como era um centauro: era metade homem e metade cavalo. Mas Quíron não tinha relação nenhuma com os violentos e agressivos centauros. Pelo contrário, era pacífico, prudente e sábio e se empenhava na difícil tarefa de educar os grandes heróis aos quais transmitia conhecimentos de música, artes, medicina, ética, arte da guerra e da caça. Foi acidentalmente ferido por uma flecha envenenada e não conseguia curar sua ferida. Ele refugiou-se em sua gruta e desejou morrer. Mas não conseguia porque era imortal. Por fim, Prometeu, que nasceu mortal, cedeu-lhe seu direito à morte. Quíron subiu aos céus sob a forma da constelação de Sagitário. Penso que esse mito se aplica bem à figura do professor, pelos aspectos negativos e positivos. Pelos negativos, diante do quadro desolador da educação, todos nós estamos feridos, preocupados. Pelos aspectos positivos, por mais trágico que seja o quadro da educação brasileira, isso não é definitivo. Estamos atravessando um período delicado que beira à exaustão e, exatamente por isso, as coisas tendem a tomar um novo rumo. Prefiro ver no mito de Quíron, uma vez que ele se transforma numa constelação, o brilho, a luminosidade do saber, no arco, o professor agente desse saber, e na flecha, a disparada para o conhecimento.

Por mais desastroso que esteja o quadro da educação brasileira, acho que nós, professores, temos



de ser críticos, mas devemos ser otimistas. E acho que podemos ser otimistas e autoconfiantes porque quem é ético pode ser otimista e autoconfiante. O professor deve fazer a sua parte, cumprir seu papel e não se importar com o governo, com a burocracia, com a administração. O papel do professor nada tem a ver com essas instâncias. Ele tem de convencer-se

de que ainda pode ser um modelo dos mais eficazes, sobretudo, agora, quando as autoridades não geram mais modelos autênticos e nem pai e mãe conseguem mais ser autoridade. Cabe ao professor, com criticidade e autoconfiança, promover a guinada para caminhos mais promissores para a educação.